



CONSELHO REGIONAL
DE PSICOLOGIA CRP-04



EDITORIAL	2
INSTITUCIONAL	3
ARTIGO	4
CAPA	7
RESENHA	8

ES

INFORMATIVO DA SEÇÃO ESPÍRITO
SANTO DE PSICOLOGIA - CRP-04

VITÓRIA • ANO I Nº 02 • NOVEMBRO 1999

II Jornada Capixaba de Psicologia



EDITORIAL

Após cinco meses à frente dos destinos da Seção Espírito Santo do CRP-04, avaliamos que conseguimos alguns avanços significativos no processo da organização da categoria no Estado.

Nessa caminhada, além do esforço conjunto dos integrantes da comissão gestora, temos contado com o irrestrito apoio dos colegas participantes do IX Plenário.

As conquistas são evidentes: estamos em novo endereço, em local de fácil acesso, em condições de conforto, segurança e funcionalidade, para melhor atender a nossa categoria. A II Jornada Capi-xaba de Psicologia, em que pese as dificuldades encontradas com datas, foi um sucesso, com a presença considerável de profissionais e estudantes. Nos cinco dias do evento, os palestrantes fizeram um passeio pelos vários campos da Psicologia no estado.

O caminho até a construção do Conselho é desafiador. É um trabalho coletivo que envolve uma sensibilidade política e um forte sentimento de pertencer, que

transcende o somatório das melhores posições individuais dos profissionais que militam no Estado. Nessa trajetória, é imprescindível que possamos estreitar alianças com a Universidade Federal do Espírito Santo, através do Departamento de Psicologia, que, como instituição formadora, constituiu-se num dos canais mais importantes para a consolidação da Psicologia como profissão no contexto social.

Os profissionais estarão colaborando com a categoria, comparecendo e apoiando suas promoções, independentemente de suas opções e formas de atuação, pois, afinal, o que nos une, o que é comum, o que nos fortalece é a nossa diversidade, sem perder de vista o nosso papel e a nossa missão como seres formadores e transformadores de uma realidade de fortes turbulências.

No momento, reiteramos o convite para participar de nossas reuniões semanais, trocar experiências e consolidar, juntos, o sonho de construir, muito em breve, o 16º Conselho Regional de Psicologia em nosso Estado.

PSICOLOGIA CLÍNICA NO ESPÍRITO SANTO

SOLANGE MISSAGIA DE MATTOS

O cenário da Psicologia Clínica no Espírito Santo não diverge muito do contexto em que a mesma vive num país de terceiro mundo, onde a apatia pública e governamental pelas Ciências Sociais é grande responsável pela deficiência de pesquisas. Em consequência disso, desenvolve-se uma psicologia desintegrada da realidade, dependente de textos, livros e teorias dos países de primeiro mundo. Além do mais, observamos que a crise econômica desencadeada pelo Plano Real também contamina nossa profissão com baixos salários, subempregos e desempregos.

Na década de 80, verificou-se uma ascensão da qualidade em Saúde Mental no serviço público e conseguimos mostrar que éramos necessários. Em consequência disso, fomos enquadrados como profissionais do Estado no final da década de 70 e, mais tarde, com a formatura dos primeiros alunos do Curso de Psicologia da UFES, o trabalho se ampliou também, quantitativamente, com a criação de novas vagas em Saúde Pública. Nessa época, criamos o Sindicato, participamos da fundação da CUT e abrimos espaço para a Psicologia Clínica no interior do Estado.

Mediante a decadência dessas instituições, e com a crise econômica se agravando, pudemos observar que o psicólogo não foi contemplado em ocasião de novas contratações de profissionais de saúde, mesmo havendo, com exceção das Prefeituras de Vitória e Serra.

Com a implantação da municipalização da saúde, cerca de 90% dos psicólogos da rede estadual ficaram sob a administração do município de Vitória, e temos que parabenizar nossos colegas que não deixaram a qualidade dos trabalhos cair. Em Vitória, o psicólogo está presente na clínica Infante-Juvenil, Adulto e Terceira Idade, assim como na Saúde do Trabalhador, Toxi-comanias, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Psicóticos. Nas demais cidades da Grande Vitória e interior, há apenas 1 ou 2 psicólogos, dificultando, para não dizer inviabilizando, a formação de equipe.

Paralelamente a isso, observamos uma descensão também na organização profissional: o Sindicato foi fechado por não ter quem o assumisse; os psicólogos que enveredaram pelos caminhos da Psicanálise, em sua grande maioria, sentem-se pertencer a outra profissão.

É preciso conchamar os jovens para que assumam a história de luta dos veteranos das décadas de 70 e 80, a fim de que, num momento econômico de recessão, possamos nos fazer necessários junto à sociedade. Quando se observa o aumento da violência, só se fala em contratar mais policiais e dar melhor remuneração aos mesmos; jamais se fala que o psicólogo é o profissional imprescindível na construção da cidadania. Se nós não falarmos, ninguém falará. Finalizo proclamando o apelo do CFP na teleconferência do dia 28/08/99: "Que a psicologia clínica saia dos consultórios" e sejam criados, por nós, quer na Saúde Pública ou Privada, nossos espaços nesse Terceiro Milênio, aqui no Espírito Santo.

Solange Missagia de Mattos é psicóloga. CRP 04-0766

INFORMATIVO DA SEÇÃO ESPÍRITO SANTO DE PSICOLOGIA - CRP-04

IX PLENÁRIO

Adilson Rodrigues Coelho • Alysso Massote Carvalho • Ângela Ribeiro • Andréa Máris Campos Guerra • Cassandra Pereira Franca • Custódio Cruz de Oliveira e Silva • Elaine Maria do Carmo Dias • Elione Matos Martins • Fernanda Ottoni de Barros • Francisco José Machado Viana • Jorge Franca de Oliveira • Júnia Maria Campos Lara • Maria Carmem de Castro Patrocínio • Maria do Carmo Nahas Silva • Maria José Vilela Lamounier • Mariana de Campos Mendonça • Mércia Pimenta de Figueiredo • Milton dos Santos Bicalho • Relui Rachid Nagme de Oliveira • Renato Luz • Roberto Chateaubriand Domingues • Rodrigo Guimarães Silva • Ronaldo de Oliveira Zenha • Samyra Assad • Sandra Maria Garcia de Aquino • Vânia Aparecida Botega

Presidente da Seção Espírito Santo: **Fabiola Costa e Silva Cunha**
Vice-Presidente: **Paulo Antônio Bossois H. de Sá del Rey Duarte**
Tesoureiro: **Francisco de Assis Nobre Souto**
Secretária: **Diná Portela de Oliveira Lima de Aguiar**

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04
Coordenação geral: **Fernanda Ottoni de Barros**
Jornalista responsável: **Raquel Marzagão**
Edição gráfica: **Grupo de Design Gráfico Ltda. - Cláudia Barcellos Guimarães (Mtb 2109/MG)**
Revisão: **Ricardo Bandeira**
Fotolito e impressão: **Segrac**
Tiragem: **1.000 exemplares** - Distribuição: **gratuita**

CRP-04 - Rua Timbiras, 1532 - 6º andar - Cep 30140-061 Belo Horizonte MG - Tel (31) 213-6767
E-mail: crp04@prover.com.br
Seção Espírito Santo - Av. Nossa Senhora da Penha, 714 - salas 809/810 - Ed. RS Trade Tower - Praia do Canto - Cep 290155-132 - Vitória ES - Tel. (27) 324-2806
E-mail: crp04secaoes@uol.com.br





AGENDA

■ No dia 03 de dezembro, acontecerá, às 19h30, na OFICINA DE ARTES DE VITÓRIA, a leitura dramática do *ZARATUSTRA* (adaptação de Roberto Machado e Hamilton Vaz Pereira), do livro de Nietzsche, com adaptação da psicóloga Wanderléa Rossi. A leitura contará com a participação especial do filósofo Roberto Machado, que estará lançando seu mais recente livro, *FOUCAULT, A FILOSOFIA E A LITERATURA*. Realizarão a leitura: Wanderléa Rossi, Viviane Mosé, Ana Cláudia Gama, Gustavo Feu e Alessandro Daros. A apresentação musical da noite será do saxofonista Salsa e banda, no show Bluesin. A Oficina de Artes de Vitória fica na Rua Jaime Martins, 107, Praia do Canto (ao lado da Academia Ponto 1). Tel.: 235-1850.

■ **GRUPOS DE ESTUDOS:** Sobre a Subjetividade Contemporânea no Pensamento de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault.
Tema: Contribuições destes pensadores ao estudo e à prática da Psicologia.
Coordenação: Wanderléa Rossi – Psicóloga (CRP-04 14232), Pós graduada em Filosofia Contemporânea.
Informações: Consultório de Psicologia e Psicanálise. Tel.: 315-6708.

■ **ENCONTRO –** Psicologia e os Desafios da Contemporaneidade.
Local: UFES/Núcleo de Psicologia.
Data: 08/12 A 10/12/99.
Informações: 335-2504.

CLASSIFICADOS

Oferece-se horários para locação em consultório. Contato: Jurama/ Psicóloga-Psicanalista. Telefone: 227-4498.

Subloco horários para consultório, manhã/ tarde/ noite. Jardim da Penha/Vitória. Contato: 325-7339 - Lúcia Helena.

Sublocação de consultório de Psicologia e Psicanálise. Período: 02 dias por semana. Wanderléa Rossi. Av. N. Sr^a da Penha - 699 - Ed. Century Towers. Torre B - sala 213 - Praia do Canto - Vitória. Telefones: 315-6708/ 325-9415.

SER - Centro de Psicoterapia S/C Ltda. Oferece consultórios e salão para sublocação, ótima localização em Jardim da Penha/Vitória. Contato: 345-4597/962-0892 (Alcionir) 979-6360 (Viviane).

A Convívio Relações Humanas Clínica de Psicologia, Arte e Educação, situada à rua Barão de Monjardim, 185, Centro-Vitória, subloca espaços para atendimento clínico. Contato: 322-3890/ 979-3308 Júlio Sant'anna.

Vende-se sala com 28 metros, no ed. Guizzardi Center, na Praia do Suá, em frente ao Supermercado Coutinho, sala 910. Contato: 752-3091/ 978-1269 (Adaleir).

Informes da Seção ES

SEDE PRÓPRIA

Por deliberação do IX Plenário, ficou decidida a abertura de uma conta bancária exclusiva, para recolhimento da receita oriunda dos psicólogos inadimplentes do Espírito Santo. Esses recursos serão destinados à futura compra de nossa sede própria.

Representa mais uma conquista de nossa categoria no Estado, e uma forte motivação para nos unirmos em torno do objetivo de construção do nosso Conselho.

CONVÊNIOS

Visando melhor atender a categoria dos psicólogos no Estado, a Seção-ES do CRP-04 firmou convênios com os seguintes estabelecimentos comerciais:

LIVRARIA: Comercial Medical Books Ltda-ME. Av. Marechal Campos, 1358 - Bonfim - Vitória - Tel.: 222-0057.

FARMÁCIA: Du Lucas. Av. Hugo Musso, 1078 - Loja 02 - Praia da Costa - Vila Velha - Tel.: 200-4040. Av. Hugo Musso - AB Center - Loja 04 - Praia da Costa - Vila Velha - Tel.: 229-3333.

ÓTICAS DO POVO:
Vitória - Rua Sete de Setembro, 99 - Centro - Tel.: 222-5890
Vitória - Pça Costa Pereira, 168 - Centro - tel.: 222-8115
Vitória - Av. Nossa Senhora da Penha, 565 - Praia do Canto - Tel.: 225-4458
Vila Velha - Av. Jerônimo Monteiro, 1532 - Tel.:329-0117
Campo Grande - Av. Expedito Garcia, 80 - Tel.: 336-3311
Cachoeiro - Pça Jerônimo Monteiro, 21 - Tel.: 521-0180
Colatina - Av. Getúlio Vargas, 171 - Tel.:721-4914

Informamos, ainda, que estamos pesquisando novos convênios.

NOVO HORÁRIO

A Seção-ES quer ouvir o seu cliente, que são os psicólogos inscritos no CRP-04 que atuam no Espírito Santo. Telefone para a Seção e manifeste-se a respeito do horário em que você quer que ela funcione:

das 8h às 18h

das 9h às 19h

A flexibilização do horário poderá facilitar o relacionamento dos profissionais com a Seção, pois o horário atual possui algumas limitações.

Participe, telefone, interfira e agregue sua opinião.

ONDE ESTÁ VOCÊ?

Estamos elaborando uma pesquisa para identificar os profissionais que atuam no Estado. Aguardem novas informações no próximo boletim.

ARTIGO

Sobre Formação

MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS

O termo formação tem muitos sentidos. Aqui destacaremos dois deles: um que se refere à competência técnica e o outro, a compromisso político. O primeiro sentido está impregnado da idéia de uma habilidade a ser adquirida e o segundo, pela idéia de que a consciência crítica possibilita interferir nos processos sociais, podendo desaranjar a ordem que aí está. O termo formação traz, portanto, em seu bojo, muitas ambigüidades.

Nosso objetivo aqui é analisar os muitos sentidos que a palavra formação vai adquirindo com seus diversos contextos de utilização e nos efeitos produzidos nas nossas práticas, ou seja, recusar qualquer tentativa de separar a formação profissional do terreno político, do qual é parte indissociável. Estaremos restringindo a competência técnica dos psicólogos a algo em geral, que pode ser considerado bom ou mau ou necessário?

As técnicas utilizadas pelo psicólogo na sua prática cotidiana não são assépticas. Não se realizam na medida exata do descarte dos afetos, dos desejos, das paixões, da história. A tarefa do psicólogo é o encontro com a alteridade, com o outro em sua diferença, com a história da vida dos sujeitos, com os movimentos do desejo, é estar na processualidade. É necessário escapar das binarizações (competência técnica/incompetência técnica), libertar-se dos especialismos enclausuradores e desmanchar territórios do saber-poder, que insistem nas hierarquizações.

Como Foucault, sonhamos com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que está sempre se deslocando, atento ao presente, e colocando-se a questão da revolução: ela vale a pena? Que revolução e que pena?

Mas, como sugere o filósofo, apenas aqueles que aceitam arriscar a vida

para fazer a revolução podem responder a essa questão.

Esse sonho de Foucault é o que tentamos abraçar neste trabalho. Propomos aceitar o convite de sermos andarilhos, sem destino certo, percorrendo caminhos provisórios que desmontam as crenças universalizantes e se deslocam incessantemente de territórios. Não buscamos configurações totalizadoras, grandiosas e recusamos tornar-mo-nos cúmplices de um plano globalizador e sistemático. Tentamos desligar, desorganizar, essa rede discursiva moral em que se encontram imersas, muitas vezes, as práticas de formação do psicólogo. Se acreditamos que ser "processistas" hoje passa pela exigência de um trabalho no campo da produção da subjetividade, é necessário lutar contra a força do homem da moral que nos habita e que é prisioneiro dos valores e regras vigentes da sociedade em que estamos vivendo.

Nossa proposta é construir estratégias críticas que não apenas contestem arranjos estruturais iníquos, mas que também examinem nossa culpabilidade nesses arranjos. Assumir, enquanto projeto, a auto-invenção, o imaginar ativo e produtivo e não a descoberta. Como nos propõe Nietzsche: ser mestre pela interrogação sustentada.

Se desejamos favorecer a emergência de psicólogos que ousam rebelar-se, singularizar-se, criar outras formas de luta, comprometidos com a transformação da sociedade, não podemos partir do princípio da valorização da chamada "competência técnica".

Assim, ao tomar a "instituição formação" para análise, procuramos argüí-la em seus diferentes aspectos, desmontando as verdades instituídas e asseguradas que dominam os discursos sobre a formação profissional, tornando problemática qualquer leitura definitiva.

Acreditamos que esse desafio se faz desmanchando os territórios de saber-poder, que foram construídos na prática psicológica, sob a crença de um saber "competente" desistoricizando. Os especialistas têm produzido saberes-propriedades, apoiados em estratégias homogeneizadoras que excluem a diferença e a multiplicidade.

Apostamos, ao contrário, numa formação que se configure em múltiplas formas de ação, enquanto produção de saberes e de práticas sociais que instituem sujeitos de ação, aprendizados permanentes, e não práticas de modela-

gem, que se constroem sobre especialismos naturalizados, ou seja, descolados dos processos históricos que os constituíram.

Um trabalho de formação enquanto processo questiona o sujeito fabricado ideologicamente: pretende escapar da produção de profissionais enquanto mercadorias amorfas, despencializadas, silenciosas, serializadas². Como sugere Baptista (1987), a formação do psicólogo tem sido vista como serialização, ou seja, como uma engrenagem de fábrica, como lugar onde poucos se apropriam do seu saber – do seu trabalho – e, ao mesmo tempo, como espaço onde as contradições podem gerar indagações e propostas que possibilitem questionamentos e a construção de novas práticas psicológicas. É necessário aniquilar puras interpretações idealistas e intervir na realidade. Trata-se de "revolucionar o mundo existente, de atacar e transformar praticamente o estado de coisas que se encontrou". Este é um legado fundamental das produções de Marx.

Precisamos encontrar pistas e analisar quais delas (no sentido dos romances policiais de descobertas) "levam adiante e fazem mudar o caminho, levando à revisão de estratégias anteriores para prosseguir" (Baptista, 1987:13). Como construir outros processos de formação do psicólogo que não estejam aprisionados pela ótica da produção de especialista, de profissionais com "competência técnica" e que insistem em discernir o que é "especificamente psicológico" do que é "especificamente político"? Utilizando uma expressão de Heckert (1993), "estilhaçando as fôrmas de ação", que têm constituído as práticas de formação dos psicólogos. Uma formação que, na maioria das vezes, funciona como modeladora de determinadas formas de existência.

A proposta que acreditamos viabilizar a formação de um psicólogo comprometido com as lutas pela transformação da realidade precisa desnaturalizar os lugares assépticos do saber e dos especialistas. Em oposição ao "conhecimento verdade" cristalizado, o conhecimento se processa através de formas variadas de apreender/construir o real e, portanto, em constante movimento. O olhar-agir do homem não é neutro, é implicado³.

É necessário entender o que nós fazemos funcionar. Entender que temos que inventar dispositivos para um trabalho no campo da subjetividade,



fazendo-nos intercessores, ou seja, estando entre, o que significa pôr-se de passagem, numa conexão com outros fragmentos, para que outros devires¹ possam expressar-se.

Nossas práticas podem constituir-se em suporte importante, não exclusivo, todavia, para as mudanças que desejamos.

“Atrelar a análise da formação do psicólogo apenas às deficiências da Universidade parece-nos uma análise restrita de um processo que é complexo.”

O que temos observado na prática psicológica é o aprisionamento dos saberes quando se tornam matéria de especialistas, mantendo-os em territórios fechados, já conhecidos e, portanto, sem riscos. Acreditamos que o processo de conhecimento é uma relação de luta, uma expressão da pluralidade das forças que não buscam nenhuma verdade *a priori*. Lembrando mais uma vez Nietzsche, desejar “a” verdade e “a” moral é negar a vida e desejar a morte.

Muitas análises sobre a questão da formação têm-nos remetido à Universidade, sua dinâmica e sua “disfunção”. Tais análises têm enfatizado a desarticulação que ocorre entre a Universidade e o contexto sócio-econômico mais amplo ou, ainda, a formação deficitária que ela tem proporcionado àqueles que freqüentam os bancos escolares. A estrutura e o funcionamento dos cursos, a faculdade de Psicologia - que passa a ser descaracterizada como local de formação, levando à criação de instituições de formação paralelas -, os currículos do curso de Psicologia, a qualificação dos docentes e o descaso do Estado pela Educação têm sido alvo de muitos ataques daqueles que se preocupam com a questão da formação. Os processos engendrados pela Universidade têm sido analisados enquanto desvinculados e descomprometidos com a realidade, não produzindo saberes que revelem ou transformem essa realidade. São considerados saberes que não sabem, fragmentados e desatualizados, que não apresentam relação com a realidade.

Encontramos na literatura sobre o

tema formulações bastante polêmicas.

Algumas análises enfatizam a idéia de que a formação do psicólogo deve ser vista como algo “prático”, entendido como “problemas concretos”, que deve orientar sua formação. Acredita-se que o currículo deve preconizar e defender o predomínio da “prática”. Outras propostas valorizam a “formação teórica e política” desse profissional. A formação do psicólogo deve enfatizar a formação “teórica” ou “prática”?

Essa separação “teoria-prática”, a ênfase em um ou outro aspecto do trabalho do psicólogo, como se se tratassem de aspectos opostos da realidade, podem levar-nos ao que Foucault chamou os “ascetas políticos, os morosos, os terroristas da teoria, aqueles que queriam preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da verdade” (1991:82). A prática política deve ser um intensificador do pensamento. A análise política do cotidiano precisa ser um multiplicador das formas de ação e intervenção política. Trata-se de dar prioridade ao múltiplo sobre a uniformidade, os agenciamentos móveis, o nomadismo. Essas binarizações só servem para reforçar as unidades e as totalizações, impedindo a proliferação, a justaposição e a disjunção das ações, dos pensamentos e dos desejos.

Sem deixar de dar a devida importância à precariedade da formação universitária e ao sucateamento da educação em nossa sociedade, não concordamos em atribuir o papel de grandes vilões da formação dos psicólogos às faculdades de Psicologia ou aos currículos do curso. Atrelar a análise da formação do psicólogo apenas às deficiências da Universidade parece-nos uma análise restrita de um processo que é complexo.

Todo esse quadro pode ser apenas um de seus muitos efeitos. É necessário desmascarar todo esse processo de culpabilização e não fixar as análises no aspecto organizacional, de estrutura e funcionamento da Universidade e/ou dos cursos de formação, para evitar o risco de sermos capturados pela mesma lógica que constitui essas organizações. Urge que coloquemos em análise as relações de poder-saber que constituem essas instituições e que desnudem as relações que aí se materializam.

A instituição formação, dissociada das demandas sociais, do trabalho inserido numa dada realidade, contribui

muito pouco para a transformação das práticas psi.

Culpabilizar ora psicólogo, ora a Universidade, ora o currículo pela “formação deficiente” é negar todo um quadro de referência que precisa ter presente a dinâmica social. É preciso analisar o que é a Psicologia na nossa sociedade hoje.

É urgente criar outros referenciais de análise, desatrelados das normas governamentais e legais, que estejam relacionados à vida e às exigências sociais das práticas psicológicas. O processo de formação do psicólogo precisa estar atravessado por uma redefinição da Psicologia no contexto de uma sociedade dada, inserida no processo das lutas políticas e da transformação dessa sociedade.

Uma Psicologia realmente inserida na luta política, que lhe dê outras direções de sentido e que a leve a pensar novas práticas supõe, necessariamente, a crítica a essa Psicologia que aí está e a seus compromissos, articulada a uma crítica da própria sociedade. O fortalecimento da sociedade civil, a organização coletiva, a luta política em todos os sentidos, a criação e o fortalecimento das associações, os movimentos estudantis e dos sindicatos são aspectos fundamentais para transpormos esse território em que se encontram a Psicologia e suas práticas.

É na luta política que podemos adquirir maior compreensão do processo histórico, das possibilidades e limites de nossa prática, enquanto saber brotado na prática coletiva.

Uma análise da Psicologia pode engendrar, entre os psicólogos, indagações necessárias sobre sua formação e sua profissão, sobre seu surgimento datado, seu lugar no contexto social e suas implicações afetivas, políticas, ideológicas.

Os processos de formação devem buscar a produção de profissionais queousem singularizar-se e, escapando das perspectivas binárias do certo ou errado, possam produzir uma prática comprometida com a construção de outros mundos.

A instituição formação precisa ser analisada em suas várias conexões: transmissão de informações, encontro de diferentes histórias de vida, os movimentos de desejo, mergulho num plano micropolítico onde os fluxos-formas se engendram por conexão, buscando incessantemente a construção de outros territórios.

Apostamos na processualidade, em

Continua...

Continuação...

maquinações que escapem das binarizações imobilizantes e das oposições das formas-dadas, destacando que o que importa são os modos como as transformações se operam. Desejamos os riscos, as desnaturalizações. Desejamos desmontar a “instituição formação” e instituir modos de subjetividade que ampliem as possibilidades de vida e escapem das serializações, ou seja, das reproduções do modelo, do igual, do homogêneo.

É necessário assumir um trabalho de produção teórico-prática, no sentido de escapar das limitações do processo de formação dos profissionais.

Antes de encerrar, perguntamos: o que seria formar psicólogos na perspectiva que apontamos? A resposta talvez seja: produzir com aqueles que estão em processo de formação uma política de invenção, onde se mantém vivo o aprender a aprender de forma que o saber que é transmitido não se separe de repetidas problematizações.

Assim, não sendo um saber fechado, pronto, não se pode prometer também que seja um saber para ser meramente aplicado. A prática profissional não pode fazer com que se perca a condição de aprendiz. A formação e o exercício profissional não são dois momentos sucessivos, mas devem coexistir sempre. Como nos indica Kastrupp, “resta, a todo aquele que se encontra preocupado com a psicologia, atuar como um aprendiz-artista, mantendo, em sua prática diária, a tensão permanente entre a problematização e a ação”. (Kastrupp, 1997:271)

“É necessário assumir um trabalho de produção teórico-prática, no sentido de escapar das limitações do processo de formação dos profissionais.”

Segundo a autora, levando o estudante a aprender, a prática de formação buscará então evitar duas posições. Uma delas é a de tomar a Psicologia como um saber pronto/acabado, que resta ser obtido, o que implica na crença de que a aprendizagem pode ser um dia concluída. Dia em que se dariam por encerrados os problemas com os quais se viu um dia confrontado. Ao dominar-se um saber, técnicas e teorias, espera-se obter o que poderia ser chamada uma eficiência profes-

sional. Ora, acreditamos que “o pretenso domínio do saber, o faria refém deste mesmo saber” (Kastrupp, 1997:272).

A outra posição a ser evitada é a do “estudante crônico, que desenvolve uma problematização ociosa, no sentido de obstacularizar sua prática profissional. Ao sentir-se sempre despreparado, não deseja correr riscos nem tomar posições. Não percebe que, agindo assim, já está tomando uma, furtando-se a interferir na cartografia de seu coletivo”. (Kastrupp, 1997:272).

Kastrupp considera que uma alternativa a essas duas posições seria buscar um caminho distante tanto das ilusões de um saber especialista quanto de uma problematização ociosa. A chave da política inventiva é a manutenção de uma tensão permanente entre a ação e a problematização. Cito a autora:

“trata-se então de seguir sempre um caminho de vai e vem, inventar problemas e produzir soluções, sem abandonar a experimentação. A opção por este caminho implica em ter a coragem de correr os riscos do exercício de uma prática, mas também a coragem de suspender a ação e pensar. É o exercício de uma coragem prudente. É desconfiar das próprias certezas, de todas as formas prontas e supostamente eternas, e portanto inquestionáveis, mas é também buscar saídas, linhas de fuga, novas formas de ação, ou seja, novas práticas cujos efeitos devem ser permanentemente observados, avaliados e reavaliados. Acolhendo a incerteza, aí consistirá sua força, e não sua fragilidade. Enfim, tal política inventiva tem que lutar permanentemente contra as forças, em nós e fora de nós, que obstruem o movimento criador do pensamento, o que pode redundar em novas práticas psicológicas, a partir da problematização daqueles existentes

Estamos falando, portanto, de uma tomada de posição política, já que na posição que busca ater-se ao já feito, às formas prontas, ao meramente técnico, está envolvida uma moral conservadora, uma política de manutenção das formas de existência estabelecidas e de desqualificação da invenção e da diferença. Por outro lado, quando as formas de ação perdem seu estatuto de eternidade e de transcendência, bem como sua garantia de neutralidade, elas se constituem em instrumentos importantes para a efetuação de mudanças no

plano coletivo, de novas políticas psicológicas.

“Imersas num devir criacionista, contingente e temporário, abertas para acolher problematizações que lhes chegam, tais formas de ação não se furtam à permanente aprendizagem e podem concorrer para novas formas de existência e para diferentes estilos de vida. (...) Adotando esta estratégia, teremos uma psicologia que reinventa permanentemente. No momento em que o objeto da Psicologia perde eternidade, o saber que sobre ele pode se produzir também está sempre em vias de se constituir. Não podemos esperar que grandes rupturas nos cheguem prontas. Precisamos, cada um de nós, operar pequenas mudanças, nos limites de nossa prática. Cada um deve fazer a sua parte, agir localmente, até que rupturas maiores advenham dos agenciamentos entre essas pequenas mudanças”. (Kastrupp, 1977:272-273)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, L. A. *Algumas histórias sobre a fábrica de interiores*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, 1987
- BARROS, M.E.B. de. *A Transformação do cotidiano: vias de formação do educador, a experiência de Vitória – 1989-1992*. Vitória: Edufes, 1997
- FOUCAULT, M. *Anti-Édipo: uma introdução à vida não facista*. In: ESCOBAR, C.H. de (org) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Hólon, 1991
- HECKERT, A. L. C. *A produção dos latifundiários do saber: a formação do psicólogo em questão*. Niterói, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) . Universidade Federal Fluminense, 1992.
- KASTRUPP, Virginia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Puc, 1997.

Maria Elizabeth Barros de Barros é psicóloga e professora da UFES

NOTAS

1. O termo processista se opõe a progressista. Queremos destacar a idéia de processo, de processualidade e não de progresso que implica evolução, que almeja “algo mais evoluído”.
2. Serializado: produto feito em série, aquilo que se reproduz como o modelo, o que é igual e/ou homogêneo.
3. O conceito de implicação refere-se às nossas diferentes inserções no campo social
4. Devir é mudança, diferentes orientações, aquilo que se coloca entre uma destruição e uma construção

II JORNADA CAPIXABA DE PSICOLOGIA



Foi realizada, na UFES, a II Jornada Capixaba de Psicologia, com a presença do Presidente do Conselho Regional de Psicologia – 4ª Região, o Dr. Francisco José Machado Viana. A Jornada aconteceu no período de 27/09 a 01/10 com a participação de palestrantes locais e do Rio de Janeiro. Falou-se sobre violência doméstica, formação profissional do psicólogo e um breve histórico dos vários campos da Psicologia em nosso Estado.

Durante os quatro dias da Jornada, contamos com a participação ativa de cerca de 120 profissionais e estudantes, que debateram e discutiram os temas apresentados.

A Jornada foi realizada no auditório do Centro de Estudos Gerais da UFES, visando, entre outros objetivos, aproximar o Conselho, através da Seção Espírito Santo, da comunidade universitária, em especial professores, estudantes e demais profissionais da Psicologia.

Entendemos ser fundamental a conscientização dos futuros profissionais em termos de militância em uma entidade forte e representativa, tanto social quanto politicamente. A Jornada mostrou a necessidade de se prosseguir na busca de aprofundamento da parceria Conselho/Universidade, importante para a transformação da Seção em futuro Conselho.



RESENHA DA PALESTRA

PSICOLOGIA JURÍDICA

A Psicologia Jurídica é norteada conforme princípios do Direito: Nas varas de Família guia-se pelo Direito de Família: Nas varas de Infância e Juventude, pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente); e, nas varas Criminais, pela LEP (Lei de Execução Penal - Lei n.º 7.210 de junho de 1984).

No Estado do Espírito Santo, existe um trabalho realizado por psicólogos e assistentes Sociais junto às varas da Infância e Juventude de Vitória, Vila Velha e Serra. Desconheço a existência de trabalhos realizados nas varas de Família do Estado. Estarei expondo mais detalhadamente a atuação em uma vara de Execução Criminal, local onde me desenvolvo profissionalmente desde 1984.

O SSSP - VEC (SERVIÇO SOCIAL E PSICOLÓGICO DA VARA DE EXECUÇÕES CRIMINAIS), como é conhecido no Poder Judiciário capixaba, foi primeiramente idealizado quando, em 1984, o juiz da VEC, Dr. Nelson Darby, visitou a VEC de Londrina-PR. Tomou conhecimento da existência de um psicólogo e um assistente social que acompanhavam os reeducados sentenciados a penas alternativas. Além disso, esse magistrado trazia a experiência que tivera no mu-

nício do Linhares-ES, "Projeto Raio de Sol", onde reeducandos eram inscritos na comunidade local por meio de trabalhos executados em hortas espalhadas pela cidade.

Em Vitória, o Dr. Nelson Darby solicitou a implantação desse setor em 1994, o que se deu graças ao então Presidente do Tribunal de Justiça deste Estado, Desembargador Antônio José Miguel Feu Rosa, autor criminalista, defensor de trabalhos inovadores no Espírito Santo.

Em 1995, o SSP contava com quatro psicólogos e três assistentes sociais, além de funcionários administrativos; hoje, a equipe está reduzida, o que vem dificultando seu desempenho, uma vez que a demanda na VEC tende a aumentar.

O Trabalho na Vara de Execuções Criminais iniciou-se a partir da experiência na Região Sul do Brasil, onde o projeto de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) - como pena alternativa - já era bem adiantado. Não havia naquela Região trabalho semelhante realizado com reeducandos emergentes do sistema prisional, ou, pelo menos, não tomamos conhecimento disso por meio de documentação que nos foi remetida pelos profissionais do Rio Grande do Sul. Sabemos que nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro as varas da Infância e Juventude

e de Família desenvolvem um trabalho exemplar nessa área. No que tange às varas Criminais, o trabalho desenvolvido no Espírito Santo não encontra similar nos demais Estados.

O Serviço Social e Psicológico da Vara de Execuções Criminais de Vitória desenvolve um trabalho pioneiro, na medida em que se propõe a acompanhar não somente indivíduos condenados a penas consideradas "leves" (ou seja: penas de até quatro anos de reclusão em regime fechado e que possibilitam seu cumprimento sob condições de penas alternativas), mas também a atender aqueles que permanecem internos em presídios de segurança média ou máxima e que, quando alcançam livramento condicional ou regime semi-aberto, passam a ter a obrigação de apresentarem-se ao SSP, até a extinção da pena.

Recentemente, estamos também incumbidos de acompanhamento de indivíduos beneficiados pela chamada Suspensão Condicional do Processo, prevista pela Lei n.º 9.099/95. As pessoas assim beneficiada permanecem em liberdade por um período de prova, normalmente fixado em dois anos, ao longo do qual lhe são impostas certas restrições e obrigações (por exemplo: não ausentar-se da comarca sem prévia autorização judicial, doação de cestas básicas a entidades filantrópicas, submeter-se a tratamento em clínicas especializadas na recuperação de drogados).

Duas pesquisas foram realizadas no SSP - VEC, até o momento: a primeira, pelos profissionais deste setor, que a apresentaram na íntegra, como conclusão do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Jurídica, com o título "SERVIÇO SOCIAL E PSICOLÓGICO EM UMA VARA DE EXECUÇÕES CRIMINAIS: EVOLUÇÃO DE UM CAMPO DE IDÉIAS E DE PRÁTICAS", sob orientação da professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros, da Universidade Federal do Espírito Santo. Nessa pesquisa a clientela-alvo foi aquela que já havia passado pelo sistema prisional.

A segunda pesquisa foi realizada por estagiárias de Psicologia da Universidade Federal do Estado, UFES, patrocinada pelo CNPQ, sob o título "A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO À COMUNIDADE A PARTIR DA COMUNIDADE QUE PRESTA SERVIÇO". Nesse estudo foram entrevistados reeducandos que cumprem penas alternativas. Aos interessados, ambos os trabalhos encontram-se à disposição no SSP, localizado no 8º andar do Fórum Criminal de Vitória.

Atualmente, a equipe do SSP-VEC atende a um total de 1.048 reeducandos regulares em seu cumprimento de pena que, por determinação judicial, apresentam-se mensalmente ao setor. Muitos são os apenados que não fazem parte desse número porque deixaram de cumprir a ordem judicial de comparecimento ao SSP-VEC, tornando-se irregulares, estando sendo procurados pela polícia, para posterior encarceramento. Se esses indivíduos, porém, comparecem voluntariamente ao Serviço Social e Psicológico a fim de sanar a irregularidade em que se encontram, seus casos são estudados pelo setor, possibilitando-lhes uma oportunidade de não retornarem aos presídios.

Continua...

A AÇÃO PSICODRAMÁTICA E O ENCONTRO PSICODRAMA

Continuação...

Daquele total de 1.048 reeducandos regulares, a maior parte foi beneficiada pela Suspensão Condicional do Processo, ou seja, nunca estiveram presos e são seguidos pelos reeducandos em livramento condicional (estiveram presos) e pelos reeducandos em regime aberto, prestando serviço à comunidade, que podem ou não ter passado por presídios.

Para os reeducandos que têm que prestar serviço à comunidade há 57 instituições conveniadas com a Vara de Execuções Criminais de Vitória, dentre as quais a Secretaria Estadual de Saúde, Secretaria Estadual de Educação, Prefeituras Municipais, APAE'S, Pestalozzes, Igrejas Católicas, Batistas, Adventistas, Movimentos Comunitários, Associações de Moradores etc.

O encaminhamento de reeducando a qualquer dessas instituições obedece a critérios que envolvem, fundamentalmente, o local da instituição e sua proximidade à residência ou local de trabalho do reeducando, conforme sua escolha. Considera-se, também, a demanda da instituição, aptidões do reeducando e horários de prestação de serviço à comunidade em alguma das instituições supramencionadas.

O atendimento é propiciado ao reeducando individualmente ou em grupo, bem como a seus familiares. Acreditamos que, por meio de atendimento psicológico, possamos a ser instrumentos mediadores na busca da reconstrução da cidadania, da reintegração social e da minimização da reincidência criminal, tendo em vista que "a pena não pode ser um ato imoral", como bem disse Marcelo Turra, advogado em exercício no Estado do Rio de Janeiro.

Nos presídios ocorre uma desagregação do indivíduo do meio social, causando-lhe grande sofrimento psíquico, sentimento que é reforçado, cada vez mais, na medida em que não existe nesses locais qualquer preocupação humanista ou ressocializadora. O Serviço Social e Psicológico reflete constantemente sua atuação, uma vez que passa a atender o reeducando num momento de transição entre o encarceramento e a liberdade, momento esse em que o reeducando reaparece como objeto, destituído de desejos, responsabilidades. Enfim, do seu próprio Eu.

A desinstitucionalização impede o reeducando de "reconstruir-se a si mesmo", colocando-o diante da possibilidade de sujeito "Ser-no-mundo", responsável por sua vida e por aquilo que produzirá em seguida. O SSP é mediador deste Homem, mas o responsabiliza pela sua existência.

Não tomamos nossa atuação como salvadora desse homem fragmentado que emerge do sistema prisional, mas sim como facilitadora, para colocá-lo diante de suas possibilidades, possibilitando que se torne consciente, senhor e determinante de sua própria história, por meio da retomada de suas manifestações afetivas, trocas sociais, valorização humana e reconstrução do direito e da capacidade de expressão. A esse respeito, ensina NIETSCHE que o homem tem possibilidade de se engajar nas opções que o mundo lhe oferece, sendo capaz de dirigir sua existência, apropriar-se de fatos passados e criar projetos para o futuro.

Acreditamos, enfim, que, propiciando reflexões, criamos no reeducando as possibilidades de mudanças internas. E todo o trabalho do Serviço Social e Psicológico da Vara de Execuções Criminais de Vitória baseia-se na crença de cada profissional que ali se encontra de que a sociedade um dia absorverá aqueles que já estiveram à sua margem.

Cabe ressaltar, por fim, que a continuidade dos serviços prestados pelo SSP-VEC somente foi possível graças ao permanente incentivo do juiz de Direito Titular da Vara de Execuções Criminais de Vitória, Dr. Antônio Leopoldo Teixeira.

Resenha da Psicóloga Luciana Souza Borges - CRP-04 10039

WILMA CARDINALI

*Mais importante do que a ciência é o seu resultado,
Uma resposta provoca uma centena de perguntas*

*Mais importante do que a poesia é o seu resultado,
Um poema invoca uma centena de atos heróicos*

*Mais importante do que a procriação é a criança,
Mais importante do que a evolução da criação é a evolução do criador*

*Em lugar de passos imperativos, o imperador,
Em lugar de passos criativos, o criador.
Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
e colocá-los no lugar dos meus.
E arrancarei meus olhos
para colocá-los no lugar dos teus.
Então ver-te-ei com os teus olhos
e tu ver-me-ás com os meus.*

*Assim, até à coisa comum serve o silêncio
E nosso encontro permanece a meta sem cadeias;
O lugar indeterminado, num tempo indeterminado
A palavra indeterminada para o Homem indeterminado.*

(Jacob Levy Moreno – publicado em Viena – 1914)

Todo homem é livre. Pai e Mãe de si mesmo. Isto quer dizer que pode escolher a todo momento quem quer ser.

A essência do pensamento de Moreno, criador do Psicodrama, é a espontaneidade (do latim *sponte* – vontade) que coloca o homem no papel de Criador. Que resgata o indivíduo para si mesmo, colocando-o diante da vida, fluindo com a vida, no encontro com tudo que há. No lugar do eterno vir-a-ser, tendo o saber como co-participante ativo, no processo de transformação.

Cada indivíduo tem o saber de uma forma única. A espontaneidade é o fator que busca dar vida à forma original, rompendo com as formas (conserva natural) e permitindo ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se. É o exercício permanente da liberdade, para obter alegria e prazer no que faz, alcançar sucesso e a melhor e mais adequada expressão do seu fazer-ter-ser.

Como tecer uma rede de significados próprios que, colocados na ação, repercutam em si e no entorno, gerando crescimento e evolução contínua, a partir da consciência do ilimitado, do que sempre pode ser melhorado, transformado, atualizado, integrado.

É ação psicodramática: desapegar-se do produto de sua ação para que o potencial criativo se atualize e se manifeste ("mais importante que a evolução da criação é a evolução do criador"), alimentando-se de novos atos diante da vida.

Potencializar o papel do criador, que se renova a todo instante, criando o melhor para si e para o outro, adquirindo a capacidade de se perceber de forma objetiva e ao seu ambiente.

Colocar-se no lugar do outro ("arrancar-te-ei os teus olhos para colocá-los no lugar dos meus...") e abrir-se para novos relacionamentos marcantes e transformadores, onde a comunicação flua livremente criando condições para o encontro verdadeiro: consigo e com o outro, para que, antes de mais nada, possa "SER".

Viver diante da vida, diante de si mesmo, diante do mundo, diante de sua integridade mental, corporal e espiritual. SER vivo em sua essência divina e criadora, para estar DIANTE DO drama QUE PARA J.L. Moreno significa "Ação na vida". Fazer-se empreendedor na aventura de construir a si mesmo, como pessoa, profissional e cidadão, tornando-se apto para responder, de forma responsável, inteligente e criativa, aos desafios da vida.

Wilma Cardinali é psicóloga.